

DILEMAS DO TRABALHO: SINDICATOS NO BRASIL HOJE

André Gambier Campos

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea.

E-mail: <andre.campos@ipea.gov.br>.

Este texto enfoca a organização coletiva do trabalho, que ocorre por meio da associação de trabalhadores a sindicatos. Nos anos 1990, devido a eventos ocorridos na economia brasileira, esta associação enfrentou uma crise expressiva. As bases sindicais contraíram-se (ou seja, reduziram-se) e, ao mesmo tempo, tornaram-se mais rarefeitas (menos densas). Contudo, nos anos 2000, apesar de a economia ter colaborado bastante, ao menos em seu âmbito *macro*, a associação dos trabalhadores aos sindicatos não avançou (ao menos, não como poderia).

Com efeito, os anos 2000 registraram um descolamento entre as dinâmicas laboral e sindical. Por um lado, a primeira avançou por meio da criação de milhões de novos empregos, na esteira dos eventos ocorridos na economia. Por outro lado, a segunda não avançou – ou, ao menos, não tanto quanto –, pois os sindicatos alcançaram apenas uma fração dos trabalhadores ocupantes destes novos empregos. Ou seja, as bases sindicais se ampliaram, mas raramente se adensaram.

O que poderia estar por trás desse descompasso entre as dinâmicas laboral e sindical nos anos 2000? O que poderia explicar a rarefação das bases, apesar de sua ampliação concomitante? Neste texto, pretende-se levantar algumas hipóteses, situadas em três campos de discussão. O primeiro é o da economia, em que a atuação dos sindicatos encontra ressonância limitada. O segundo é o da demografia/sociedade, no qual os sindicatos até têm algumas chances de atuação – ainda que não tantas assim. Por fim, o terceiro é o da política, em que os sindicatos têm mais possibilidades de atuação, assim como de que esta encontre ressonância efetiva.

O campo da economia mantém relações estreitas com os fenômenos de ampliação/contração das bases

sindicais, ao passo que o da política mantém vínculos com os fenômenos de adensamento/rarefação dessas mesmas bases. Observe-se, todavia, que tais relações/vínculos se confundem – como ilustram os anos 1990, quando a contração das bases minou qualquer esforço para seu adensamento. Seja como for, no campo da economia, as hipóteses a serem levantadas para a ausência de avanço na dinâmica sindical nos anos 2000 estão associadas à continuidade do modelo que, em âmbito *micro*, dominou a economia brasileira a partir dos anos 1990 (modelo caracterizado pela desverticalização/terceirização dos processos produtivos, pelo deslocamento das unidades de produção pelo território, pela implantação de novas organizações dos processos produtivos etc.).

No campo da demografia/sociedade, as hipóteses aventadas para a falta de avanço na dinâmica sindical estão vinculadas ao perfil dos trabalhadores. Nos anos 2000, muitos trabalhadores conseguiram, provavelmente pela primeira vez em suas vidas, assumir um vínculo assalariado, de modo que a filiação a sindicatos surgiu como algo bastante novo para eles. Como os dados neste texto demonstram, os trabalhadores jovens e/ou com pouco tempo de vínculo têm menores chances de associação a sindicatos. E, provavelmente, este grupo aumentou de forma expressiva sua participação no total do emprego nos anos 2000.

Por fim, no campo da política, as hipóteses a serem levantadas para a falta de avanço na dinâmica sindical estão relacionadas à possibilidade de “conformação” a determinados aspectos da regulação sindical. Esta última, com uma extensa história corporativa, foi contestada e desafiada pelos sindicatos que passaram a ocupar a esfera pública desde o final dos anos 1970. Nos anos 2000, parcela da literatura especializada questionou

se os sindicatos não se encontravam plenamente adaptados à regulação sindical corporativa – incluindo aqueles que haviam se rebelado contra ela cerca de vinte anos antes.

De acordo com essa literatura, nos anos 2000, os sindicatos demonstraram pouca atenção a aspectos importantes de sua organização/atuação, como a alteração de seu sistema de custeio, a mudança de sua organização territorial, a alteração de sua sistemática de negociação, a mudança de sua organização nos locais de trabalho e, ademais, a ênfase em uma aproximação com os trabalhadores de suas bases. Segundo esta literatura, especialmente após 2002, os sindicatos concentraram sua atenção em outros aspectos, que se traduziram essencialmente em uma aproximação com o Estado. Entre eles, mencione-se a participação de representantes sindicais na administração de empresas estatais e fundos também estatais. Dessa maneira, em certa medida, a filiação dos trabalhadores situados nas bases não esteve propriamente no foco dos sindicatos ao longo do período.

SUMÁRIO EXECUTIVO